

*Libres e
Combativas*



**QUEREMOS
SER O QUE
SOMOS!**



A NOSSA OPRESSÃO O LUCRO DOS CAPITALISTAS



Ângela Sankara
Esquerda Revolucionária

As pessoas trans da classe trabalhadora são discriminadas no acesso ao trabalho, à saúde, à educação e à habitação. São assediadas na via pública inclusivamente pela polícia e estão sob constante risco de violência física nas mais variadas situações da vida.

A nível mundial, entre outubro de 2020 e setembro de 2021 foram mortas 375 pessoas trans, um aumento de 7% relativamente a 2020. O Brasil é o país onde são assassinadas mais pessoas trans, seguido do México e EUA. 96% destas pessoas eram mulheres trans. A idade média das pessoas trans mortas é de 30 anos. Claro que estes números oficiais raramente representam a total magnitude das pessoas trans assassinadas.

A pobreza e a precaridade a que estão sujeitas as pessoas trans empurra-as para situações de violência extrema, inclusivamente a prostituição e até a morte. 58% das pessoas trans assassinadas eram pessoas prostituídas e a maioria mulheres negras e não-brancas.

Para além disso, as políticas xenófobas

que privam os imigrantes dos direitos mais básicos, reforçam o racismo que cai sobre a comunidade trans e imigrante. Das mortes das pessoas trans na Europa, 43% eram pessoas trans imigrantes.¹

O sistema de educação continua, ano após ano, sem reformas significativas no seu programa. Não há educação sexual inclusiva, os conteúdos continuam a ser em grande parte machistas, homofóbicos e racistas. Mais ainda, as agressões racistas, homofóbicas e transfóbicas são repetidamente ignoradas pelas direções das escolas e universidades.

Se as queixas de violência machista são sistematicamente ignoradas pela polícia e pelo sistema judicial, claro está, que todas as denúncias feitas por pessoas LGBTI+ também o são.

A maior parte das pessoas trans e não-binárias já passou por pelo menos um episódio de discriminação em contexto médico. Há também dificuldade em ter acesso a procedimentos hormonais e cirúrgicos que sejam

¹ Dados recolhidos do Trans Murder Monitoring (TMM).

necessários, as listas de espera para consultas são intermináveis, médicos *transfriendly* que apenas trabalham em pontos específicos do país... O contínuo desinvestimento no SNS reforça os obstáculos no acesso ao SNS de pessoas trans e não-binárias.

Não é por acaso que as pessoas trans e não binárias têm tantos problemas de saúde mental, consequência de toda a violência a que são quotidianamente expostas. Há uma grande falta de psicólogos no SNS e dos poucos psicólogos que existem muitos têm práticas transfóbicas, impedindo que milhares de jovens de classe trabalhadora tenham acesso a apoio psicológico e a uma recuperação.

Desafiando as normas da sociedade capitalista e patriarcal

As pessoas trans e pessoas não-binárias entram em choque direto com a ideologia da família burguesa — a família nuclear, heterossexual e patriarcal —, tão essencial para o funcionamento do capitalismo. O nosso sofrimento, ao contrário do que nos querem fazer crer, não é inerente à nossa orientação sexual ou identidade de género, e não pode ser evitada com “terapias de conver-

são” ou “cura gay”. O sofrimento é resultado direto da violência a que estamos submetidas diariamente por não encaixar nos modelos capitalistas de sexualidade, de género e de família.

E é por isso que os governos capitalistas jamais poderão combater o machismo, a LGBTIfobia e o racismo de forma consequente. A completa libertação das pessoas LGBTI+ significa um ataque direto ao que há de mais fundamental neste sistema, a reprodução do modelo patriarcal da família e, consequentemente, a manutenção da propriedade privada e os privilégios que dela resultam.

Por isto mesmo, somos atacadas diariamente e publicamente na comunicação social com toda a impunidade, como se viu recentemente relativamente ao protesto da atriz trans Keyla Brasil ou no verão do ano passado.

Sob o argumento hipócrita da “liberdade de expressão”, cronistas, jornalistas, “comentadores”, “analistas”, humoristas e todo o tipo de opinadores têm espaço na grande comunicação social para lançar ataques contra pessoas que estão entre as mais vio-

NO E EXPLORAÇÃO, TALISTAS

lentadas em capitalismo. Mesmo figuras que se dizem de esquerda embarcam nestas campanhas ou tentando acalmar os ânimos ou participando igualmente do ataque.

A verdade é que por todo o mundo, milhares de pessoas trans são condenadas a uma vida de pobreza, empurradas para a prostituição, agredidas, violadas, assassinadas. Dar espaço ao discurso que temos visto na comunicação social em Portugal — onde tentam humilhar-nos e vilanizar-nos, bem como ao nosso movimento — tem consequências muito reais.

Não é coincidência que a extrema-direita avance tão furiosamente para se organizar e ocupar as ruas, atacando mulheres, negros, imigrantes e pessoas LGBTI+, defendendo o ideal burguês de família, chamando-nos doentes e imorais, e preparando-se para, à primeira oportunidade, tirar-nos todos os direitos que conquistámos com décadas de luta.

A extrema-direita e os fascistas exigem a nossa resposta contundente. Não há nenhuma forma de derrotar a ofensiva reacionária sem ação revolucionária da nossa parte. A história deixou isto claro vez após vez, e já o fez também especificamente em relação à opressão das pessoas LGBTI+. Quem tem de viver escondido e com medo é a extrema-direita e todos os fascistas!

Transfobia nas organizações de esquerda

Como se já não bastasse a violência perpetrada pelos capitalistas, fascistas e familiares homofóbicos e transfóbicos, vários coletivos e organizações de esquerda e que se declaram feministas e abolicionistas têm discursos transfóbicos e reacionários.

Argumentos tais como que a defesa dos

direitos trans coloca os direitos das mulheres cis em segundo plano, ou de que o uso de casas-de-banho por mulheres trans será uma ferramenta de abuso para mulheres cis... Bem sabemos que os machistas não precisam de mudar a sua forma de vestir para assediar e violentar mulheres.

Estas argumentações são simplesmente falaciosas, completamente desligadas da realidade e demonstram um total desprezo pela opressão e violência que sofrem as pessoas trans e não binárias e as mulheres cis.

As feministas que se opõem a unir-se aos nossos irmãos e irmãs de classe devem ser combatidas. As suas reivindicações não são feminismo anti-capitalista e revolucionário, são mais uma das representações do feminismo pequeno-burguês.

Precisamos de ter muito claro que estes ataques formam parte de uma reação aos avanços e à radicalização na nossa luta internacionalmente. É por temer a força do movimento feminista e LGBTI+, e o seu potencial revolucionário, que estes transfóbicos nos atacam tão desesperadamente. Não nos deixemos enganar: juntamente com a nossa classe, somos a esmagadora maioria e temos muito mais força do que eles.

A nossa solidariedade estabelece-se por linhas de classe, independentemente do género, raça ou nacionalidade. As pessoas trans não são a fonte da nossa opressão, pelo contrário estão do mesmo lado da barricada.

Movimento Trans Revolucionário

Apesar de todos estes ataques, a juventude LGBTI+ não tem voltado ao armário a esconder-se, mas tem saído às ruas a reivindicar os seus direitos com unhas e dentes.

Defendemos que a única forma de conquistar direitos para as pessoas trans e pessoas LGBTI, para a classe trabalhadora e a juventude é enfrentar a direita e extrema-direita, o Estado burguês e os capitalistas nos locais de trabalho, nos bairros e nas escolas.

Todas as vitórias alcançadas, como a lei da auto-determinação em Portugal, foram vitórias da luta da juventude e da classe trabalhadora. Mas esta vitória ainda está por se concretizar, porque as pessoas trans e não binárias continuam expostas à exploração e violência.

A auto-determinação só será uma

realidade quando nenhuma pessoa trans ou não-binária se veja obrigada a prostituir-se para sobreviver, que o SNS seja de facto de acesso gratuito e de qualidade, que se tenha acesso a profissionais de saúde que reconheçam a sua identidade e que façam um acompanhamento médico para colmatar todas as suas necessidades, que as escolas sejam espaço onde possam expressar-se e que o acesso a habitação pública e de qualidade seja uma garantia... Sem estas necessidades materiais colmatadas, estas leis são apenas palavras em papel molhado.

As camadas mais oprimidas da nossa classe lideraram o início do movimento LGBTI+. Neste momento em que os capitalistas e os seus capatazes tentam descafeinar a nossa luta, e transformá-la em festa e lucro, é cada vez mais urgente recuperar o espírito da revolta de Stonewall.

A nossa opressão e exploração são indissociáveis da exploração capitalista, da opressão das mulheres, do racismo e de todas as formas de opressão que são produzidas por este mesmo sistema. Contra o inimigo comum, há que construir uma frente comum de luta. A luta das pessoas LGBTI+ é a luta de toda a classe trabalhadora, é a luta pelo socialismo!



“Lucrar não é crime”: Tribunal Constitucional alia-se aos proxenetas.

OS NOSSOS CORPOS NÃO ESTÃO À VENDA!

Em abril passado a 3ª Secção do Tribunal Constitucional (TC) considerou inconstitucional o artigo 169 do código penal, relativo ao lenocínio, segundo o qual “Quem (...) fomentar, favorecer ou facilitar o exercício por outra pessoa de prostituição é punido com pena de prisão (...)”. Segundo os juizes “a decisão de uma pessoa se prostituir pode constituir uma expressão plena da sua liberdade sexual” e portanto defendem ser inconstitucional punir com cadeia quem lucra com a “prostituição alheia praticada de livre vontade”.

Que mentiras mais repulsivas. Que “livre vontade”, quando a maioria das mulheres prostituídas são vítimas de tráfico humano, escravas dos seus proxenetas? Que “liberdade” quando a grande maioria vive na miséria, sendo obrigada a prostituir-se para sobreviver, e quer sair da prostituição? A “liberdade” para serem compradas e vendidas? Para serem “legalmente” violadas? Para serem expostas a doenças e espancadas por putanheiros e proxenetas, que nelas nada mais vêem que um produto a ser consumido e jogado fora?

A prostituição enquanto forma de expressão sexual e praticada de livre vontade, em que mulheres têm independência económica e são capazes de escolher nos seus termos quando, como e em que condições prostituir-se, só acontece para uma ínfima minoria, uma camada pequeno-burguesa de artesãs do sexo. Para a esmagadora maioria das mulheres, das camadas mais oprimidas, o “sistema prostitucional” funciona em regime de escravatura, estreitamente relacionado com o tráfico humano.

O lobby proxeneta conta com o apoio da social-democracia

Não é por acaso que a classe dominante tenta inverter a realidade. Afinal, a venda e compra de mulheres é um dos mais lucrativos negócios do mundo, atrás apenas das drogas e das armas, e os lucros são muito maiores quando é legal. A falência de bancos e a recessão da economia alemã são os primeiros sinais da nova crise capitalista, que será muito pior que a última. A burguesia tentará garantir os seus lucros com novas privatizações e cortes sociais, que, aliados à perda de poder de compra do último ano resultado da especulação capitalista, lançarão milhares de trabalhadores para a pobreza, a maioria das quais mulheres. Os proxenetas pequenos e grandes, os capitalistas dos bares, discotecas, e hotéis, os senhorios e muitos outros que ganharão com o turismo sexual vêm nestas mulheres desesperadas uma fonte de lucro com a qual enfrentar a crise. Assim se entende que o lobby proxeneta avance em Portugal: todos estes parasitas sociais querem fazer passar legislação que lhes permita actuar não só sem problemas, mas inclusive com o apoio do Estado burguês e das suas forças de repressão.

A ponta de lança do lobby proxeneta em Portugal foi a proxeneta Ana Loureiro, que conseguiu levar uma petição pública ao parlamento. Apesar de nenhum dos partidos do parlamento ter dado o seu apoio explícito à legalização, e desta proxeneta ter entretanto sido detida por lenocínio, conseguiu um importante objectivo: trazer a discussão da

legalização a público. Mais revoltante é ter a Juventude Socialista (JS) e o Bloco de Esquerda (BE) como aliados. Esforçando-se por mascarar a legalização como algo progressista que virá “mitigar a precariedade” e garantir o “direito de escolha sobre o que fazem do seu corpo”, pretendem convencer-nos que a “regulamentação” do Estado será feita no sentido de proteger as mulheres prostituídas. O mesmo Estado que ignora ou promove o avanço da precariedade em todos os sectores e do trabalho escravo de imigrantes na agricultura? O Estado tem um carácter de classe: é burguês, portanto protege os lucros da burguesia. Isso incluirá a burguesia que lucrará com a prostituição, em detrimento das condições das mulheres prostituídas. Mas não é surpreendente que esta “esquerda” alinhe com o lobby proxeneta, quando tem entre os seus dirigentes e bases patrões de bares nocturnos e discotecas envolvidos nos negócios das drogas e prostituição. Agora também o TC se vem aliar ao lobby proxeneta.

Temos a Alemanha como exemplo de um país em que se legalizou a prostituição — onde “lucrar não é crime” — desde 2002, e que se tornou um inferno para as mulheres prostituídas. Hoje há 3500 bordéis no país — incluindo mega-bordéis com capacidade para acomodar 1000 putanheiros ou mais — nos quais se podem comprar “pacotes” que incluem mulheres com comida ou “happy hours” com descontos de “duas pelo preço de uma”. A mercantilização, objectificação e desumanização a que estas mulheres estão sujeitas não conhece barreiras. E como resultado a violência contra as mulheres prostituídas e as mulheres em geral,

o crime organizado e o tráfico de mulheres aumentaram — ao contrário do que prometiam os “progressistas”. Tudo isto não *apesar* da legalização mas *devido* à legalização!

O feminismo revolucionário é abolicionista!

As propostas da JS, do BE e dos juizes do TC são uma armadilha para as mulheres pobres e para toda a classe trabalhadora. Não se pode reformar um sistema baseado na violência machista e sexual. A cada nova crise mais e mais mulheres da classe trabalhadora serão empurradas para este sistema, para a miséria, em benefício dos proxenetas. Pôr fim à prostituição significa tomar medidas que choquem frontalmente com os grandes capitalistas e o seu sistema económico. A social-democracia sabe-o, e, impotente para o fazer, esforça-se por ganhar apoio apresentando as abolicionistas como proibicionistas, ou seja, como apoiantes da criminalização e perseguição das mulheres prostituídas, o que rejeitamos em absoluto!

Para construir um mundo sem prostituição é necessário fazermos a revolução socialista, vermo-nos livres da minoria de parasitas burgueses que lucram com a nossa miséria, para que nós, a esmagadora maioria, possamos viver dignamente.

Junta-te às Livres e Combativas!

Vem lutar pelo feminismo revolucionário e abolicionista!



**ESQUERDA
REVOLUCIONARIA**

@esqrevpt
/esquerdarevolucionaria.centelha/
esquerdarevolucionaria.net
geral@esquerdarevolucionaria.net



@livcombat
@livresecombativas
@sindestud
/sindicatodeestudantes/